

Dr. David A. deSilva , Hebreus, Sessão 6, Hebreus 5:1 1-6:20: Sem volta atrás

© 2024 David deSilva e Ted Hildebrandt

Em Hebreus 5:11, o autor pausa o movimento de avanço de sua exposição sobre o sacerdócio de Jesus e introduz o que é frequentemente chamado de digressão. Neste caso, no entanto, a digressão é de vital importância para o sermão porque nesta passagem, 5:11 a 6:20, encontramos o autor novamente confrontando os ouvintes com os principais desafios diante deles e exortando-os a enfrentar esses desafios apropriadamente. Hebreus 5:11 a 6:3 exibe um fluxo argumentativo bastante complicado, que quero ter certeza de delinear claramente no início.

Hebreus 5:11 a 14 interrompe o argumento que o autor vem desenvolvendo para sacudir um pouco os ouvintes. Ele os provoca expressando dúvidas sobre sua capacidade de processar o que o pregador está alimentando-os, já que, ele sugere, eles parecem não ter digerido e incorporado completamente em suas vidas o que lhes foi ensinado até agora, nem ter vivido de acordo com as responsabilidades de adultos na fé, mantendo uns aos outros no caminho certo. Após essa breve tentativa de evocar vergonha, ele propõe, em Hebreus 6:1, a perseverança como a consequência natural do curso da jornada iniciada por sua conversão e percorrida até agora.

O pregador então passa para o que é uma das passagens mais calorosamente debatidas neste sermão. Hebreus 6, versículos 4 a 8, ressalta a necessidade de abraçar o curso de ação que ele propõe, a necessidade de perseverar em direção à conclusão, em direção à maturidade, em direção à perfeição. Pois fazer o contrário seria mostrar ingratidão a Deus pelos dons que Deus já deu ao público e, assim, trocar a experiência do favor contínuo de Deus pela experiência da ira na visita de Deus.

Em 6:9 a 12, no entanto, o autor rapidamente se volta para afirmar os ouvintes na medida em que, até este ponto, eles espelharam o bom solo que recebe uma bênção de Deus ao fazer um bom retorno sobre os dons de Deus ao investir uns nos outros, consolidando assim seu compromisso de continuar neste curso de ação. A pergunta que o pregador coloca para o público nesta parte do sermão é: que tipo de beneficiários vocês provarão ser? Vocês serão vil ou honrados, ingratos ou confiáveis? Vocês continuarão a provar ser solo frutífero e, portanto, receberão os maiores dons ainda por vir como recipientes adequados do favor contínuo de Deus? Ou vocês provarão ser solo ruim, o que traz uma resposta desagradável e até mesmo dolorosa? Em 6:13 a 20, a parte final desta digressão, o autor trabalha seu caminho de volta ao tópico principal. Ele apresenta o exemplo de Abraão, um exemplo primário de alguém que, por meio da fé e perseverança, herdou as promessas, como

o autor escreve em 6:12. Aqui ele apresenta o exemplo de Abraão, porém, mais com o propósito de enfatizar a confiabilidade das promessas que Deus fez.

O pregador aqui foca no juramento que Deus fez a Abraão para apoiar a confiança de Abraão e então se refere elusivamente a outro juramento que Deus fez em relação à esperança que os crentes têm em Jesus, ao qual ele retornará no capítulo seguinte. Hebreus 6.20 então traz os ouvintes de volta ao tópico do capítulo 5, versículo 10, com Jesus tendo se tornado um sumo sacerdote para sempre segundo a ordem de Melquisedeque, retornando assim o sermão exatamente ao lugar onde o pregador parou para esta digressão estratégica. Em 5 versículos 11 a 14, encontramos o autor repreendendo a congregação.

Tendo acabado de mencionar a declaração de tese de seu sermão novamente, com efeito, que Jesus foi nomeado sumo sacerdote para sempre segundo a ordem de Melquisedeque, ele recua e diz: Agora, a palavra diante de nós sobre isso é longa e difícil de explicar, pois vocês se tornaram lentos em sua audição. Pois, embora a esta altura vocês deveriam ser mestres por conta do tempo que passou, vocês novamente precisam de alguém para lhes ensinar os rudimentos dos fundamentos dos oráculos de Deus, e vocês caíram na necessidade novamente de ter leite e não alimento sólido. Pois todo aquele que participa de leite é inábil na palavra da justiça, porque ele ou ela é uma criança.

Mas o alimento sólido é para os maduros, para aqueles que, por meio de exercícios constantes, têm suas faculdades treinadas para a discriminação entre o que é nobre e o que é vil. O pregador desafia os ouvintes aqui de forma bastante direta e inesperada. O que tenho a dizer será difícil de entender, pois você se tornou lento em relação à sua audição.

Não só isso, mas embora vocês já deveriam ser professores a esta altura, vocês novamente precisam de alguém para lhes ensinar os fundamentos. Ele acusa os ouvintes, essencialmente, de regredir em sua maturidade ou talvez de nunca terem crescido em primeiro lugar. Vocês estão em um lugar onde precisam de leite em vez de comida sólida.

Esse tipo de linguagem, especialmente em uma exortação para seguir em frente, para viver de acordo com o que você recebeu, é familiar do discurso filosófico greco-romano. Por exemplo, o filósofo estoico Epicteto gosta bastante dessas metáforas de crianças e maturidade e leite e comida sólida, pois ele incita seus ouvintes a continuarem a encarnar o que aprenderam. E então, Epicteto escreve, quanto tempo você vai esperar antes de exigir o melhor de si mesmo e confiar na razão para determinar o que é melhor? Você foi apresentado às doutrinas essenciais e afirma entendê-las, então que tipo de professor você está esperando e por que você adia colocar esses princípios em prática até que ele apareça? Você já é um homem adulto, não mais uma criança.

Decida finalmente que você é um adulto que vai dedicar o resto da sua vida ao progresso. Em outro lugar, Epicteto escreve, você não está disposto a esta data tardia, como crianças, a ser desmamado e a participar de alimentos mais sólidos? O autor de Hebreus usa essas metáforas de uma maneira muito semelhante ao que encontramos em Epicteto, envergonhando os ouvintes por não estarem à altura de onde deveriam estar e motivando-os a provarem que são maduros por sua prontidão para atender às expectativas articuladas pelo autor para os maduros. E aqui especificamente, os maduros funcionarão como professores, assumindo a responsabilidade de reforçar seus companheiros crentes na cosmovisão e nos compromissos que eles aceitaram juntos como cristãos.

Os maduros também distinguirão corretamente entre o que é nobre e o que é vil ou vicioso. Eles escolherão consistentemente o que é nobre, o curso nobre de ação em todas as circunstâncias. No contexto pastoral de Hebreus, este sermão significará, é claro, sempre viver com uma visão de honrar e permanecer leal e obediente ao seu patrono divino, em vez de violar este vínculo por medo das consequências temporárias em termos de seu relacionamento com seus vizinhos.

O objetivo desta seção e suas táticas leves de humilhação é fazer com que os destinatários queiram se absolver da acusação de que não estão prontos para uma instrução madura e direcioná-los à força para comportamentos que os mostrem realmente maduros e fundamentados na fé, até mesmo a ponto de ajudar suas irmãs e irmãos a permanecerem tão fundamentados também. Com a abertura do capítulo seis, o autor descreve o caminho para a recuperação dos espiritualmente lentos. Ele propõe um curso de ação em 6:1. Portanto, deixando para trás os princípios fundamentais de Cristo, sejamos levados ao ponto final de nossa jornada.

Mais uma vez, ele está incitando os ouvintes a prosseguirem no caminho do comprometimento em vez de recuarem, se afastarem ou abandonarem a assembleia da igreja. Ele os incita a fazer isso nos versículos dois e seguintes, não lançando novamente o fundamento do arrependimento de obras mortas e fé em Deus, o ensino sobre batismos e imposição de mãos ou ressurreição dos mortos e julgamento eterno. Examinamos esses ensinamentos, essa intensa socialização na cosmovisão e o ethos do grupo cristão que o autor sabe que os destinatários receberam em alguma profundidade em nossas apresentações de abertura.

O autor os lembra desses ensinamentos fundamentais que estão por trás deles, e que agora devem continuar a impeli-los adiante em sua jornada. Ao chamá-los a viver de acordo com o que aprenderam, ele acrescenta as palavras se Deus permitir. Com essa sutil cláusula se, ele lembra os ouvintes de sua dependência de Deus para cada passo da jornada da conversão ao reino inabalável da morada eterna de Deus.

Assim, se a disposição favorável de Deus é necessária para o progresso na jornada e para chegar ao objetivo da jornada, alienar-se do favor de Deus insultando o benfeitor torna-se o curso de ação mais inconveniente. É precisamente para onde o autor está indo no capítulo seis, versículos quatro a seis, com o aviso solene que se segue. Este aviso em si é oferecido como uma justificativa em apoio ao curso de ação que o autor acabou de instar no versículo um do capítulo seis.

A presença da palavra grega *gar*, tipicamente traduzida com a conjunção *para* em inglês no início do versículo quatro, sinaliza o papel que este parágrafo desempenha. É mais precisamente um argumento do contrário. Ou seja, o pregador está incitando os ouvintes a se comprometerem a nascer até o fim da jornada, e ele apoia esse curso de ação mostrando o que acontece se eles não o fizerem.

Então ele continua escrevendo, pois é impossível trazer novamente ao ponto de partida do arrependimento aqueles que foram decisivamente iluminados, que provaram o dom celestial e compartilharam do Espírito Santo e provaram a boa palavra de Deus e os poderes da era vindoura e que caem, pois crucificam Cristo novamente para seu próprio mal e o expõem à desgraça pública. Um dos problemas em muitas discussões sobre esta passagem é a tendência dos intérpretes de tentar decidir se devem descrever os indivíduos aqui como pessoas que são salvas ou que não são salvas ou se foram realmente salvas ou apenas pareciam ser salvas. Como vimos antes, no entanto, em Hebreus 1 versículo 14, o autor de Hebreus realmente pensa principalmente na salvação em termos de algo que ainda está por vir.

É isso que esperamos na segunda vinda de Cristo, como ele dirá no capítulo 9, versículo 28. O autor não se consideraria descrevendo indivíduos que poderiam ou não ter sido salvos aqui. Em vez disso, ele está descrevendo indivíduos que foram recipientes de repetidos benefícios de Deus.

Deus tem derramado favor após favor sobre eles. Eles foram decisivamente iluminados, que é um termo comum no Novo Testamento para receber a mensagem do evangelho e seus efeitos positivos sobre os ouvintes. Eles provaram o dom celestial e compartilharam do Espírito Santo, referindo-se sem dúvida à sua recepção do Espírito Santo, que era uma faceta proeminente da experiência religiosa na missão paulina.

Como se vê em Gálatas 3 ou 1 Coríntios 2 ou mesmo neste mesmo sermão em Hebreus capítulo 2, versículos 3 a 4, eles provaram a boa palavra de Deus e os poderes da era vindoura, provavelmente se referindo novamente à recepção do Espírito Santo e à experiência do poder de Deus trabalhando em seu meio, como o autor explicitamente lembrou naquela passagem anterior. O uso repetitivo de participios plurais em grego para designar essas pessoas como aquelas que foram iluminadas e têm todas essas coisas boas cria a impressão primeiro da grande variedade de benefícios que desfrutaram de Deus e também do rico suprimento

desses benefícios. A repetição serve para ressaltar a extensão da generosidade de Deus e o cuidado e persistência com que Deus, por seus favores repetidos, cultivou sua gratidão.

Portanto, também serve para amplificar a desgraça e a injustiça de fugir das obrigações do vínculo patrono-cliente que a generosidade de Deus criou com esse público. Aliás, muito da linguagem do autor aqui ressoa alto com textos do Antigo Testamento. Por exemplo, você provou a boa palavra de Deus, e você foi iluminado, o que ressoa com o Salmo 34, onde o salmista diz: Aproxime-se de Deus e seja iluminado.

Prove e veja que o Senhor é bom. Para pessoas que receberam presentes tão valiosos que vieram a tal custo, todos estes foram, de fato, garantidos pela morte do próprio filho de Deus. Agir então de uma forma que traga desonra ao doador ou ao mediador, Jesus, de tal favor seria uma injustiça impensável, uma que tipicamente levaria à exclusão de qualquer favor futuro.

Aqui, o favor de uma segunda chance. Lemos, por exemplo, nos escritos de Dio Crisóstomo, um filósofo e estadista que viveu de cerca de 50 d.C. a 120 d.C., que todas as pessoas considerarão aqueles que honram benfeitores como dignos de favor, mas aqueles que insultam seus benfeitores serão estimados como merecedores de um favor. A pessoa ingrata, embora não seja punida pela lei, é punida pelo tribunal público da opinião e por sua própria consciência de ser rotulada como ingrata.

Como lemos em outro texto de Dio, o que então, você diz, o ingrato ficará impune? Você imagina que as qualidades que são odiadas ficam impunes, ou há alguma punição maior do que o ódio público? A penalidade do ingrato é que ele não ousa aceitar um benefício de ninguém, que ele não ousa dar um a ninguém, que ele é uma marca, ou pelo menos pensa que é uma marca, para todos os olhos, que ele perdeu toda a percepção de uma experiência mais desejável e agradável. Assim como uma pessoa se recusa a ter negócios duas vezes com um comerciante desonesto ou a confiar um segundo depósito a alguém que perdeu o primeiro, é tipicamente aceito nesta cultura que uma pessoa excluirá de favores futuros aqueles que agem de forma ingrata. Tais sentimentos populares, como lemos em Dion Crisóstomo, também eram compartilhados pelos destinatários de Hebreus, sem dúvida, e isso os levaria a aceitar a afirmação do autor de que uma segunda chance de tal favor é impossível depois que alguém ofereceu uma fachada, um insulto e trouxe vergonha pública a um doador tão nobre.

Assim, o pregador os faria ter medo de seguir por esse caminho de desonrar a Cristo. Se os destinatários fizessem qualquer coisa além de prosseguir até o fim de sua jornada, eles trariam desgraça pública sobre seu benfeitor e mostrariam desprezo por seus presentes custosos. A deserção do grupo cristão para os braços de seus

vizinhos dá um testemunho de Cristo, mas é um testemunho negativo que diz a seus vizinhos que a mediação e os benefícios de Jesus não valem o custo de mantê-los e que a aceitação de seres humanos é de mais valor do que a aceitação por Deus e as boas-vindas à presença de Deus.

Dar tal testemunho, o pregador sugere com imagens estrategicamente duras, seria crucificar o Filho de Deus novamente para seu próprio mal e sustentá-lo ao desprezo público. Não perseverar na lealdade a Jesus e ao povo de Jesus então deveria ser impensável da perspectiva de ter sido tão talentoso e a um custo tão grande para tal doador. O autor continua apoiando o aviso severo de Hebreus 6, 4 a 6 com um argumento de analogia em Hebreus 6 :7 e 8. Para este argumento de analogia, ele se move para o reino da agricultura, para as práticas comuns do que os fazendeiros devem fazer e na expectativa do que eles colocam tal trabalho no solo.

Então, ele escreve, o solo que absorve a chuva que continua caindo sobre ele e produz vegetação que é útil para aqueles em cujo benefício o solo está sendo cultivado recebe uma bênção de Deus. Mas se ele produz espinhos e cardos, ele é provado inútil e está à beira de ser amaldiçoado. Seu fim é ser queimado.

O autor usou vários textos do Antigo Testamento como recursos para a linguagem aqui. Por exemplo, espinhos e cardos em conexão com uma maldição lembram diretamente a linguagem da maldição primitiva na história da queda em Gênesis 3, versículos 17 e 18. Além disso, a oposição entre bênção de Deus e maldição nesta passagem lembra oposições da mesma ao longo do Antigo Testamento, mas particularmente em Deuteronômio.

Naquele livro da aliança, lemos sobre maldição e bênção. Eu coloco diante de vocês hoje bênção e maldição. A bênção se vocês ouvirem os mandamentos do Senhor, seu Deus, que eu estou ordenando a vocês hoje, e as maldições se vocês não ouvirem os mandamentos do Senhor, seu Deus, tantos quantos eu lhes ordeno hoje, e se vocês se desviarem do caminho que eu ordenei, vocês estão indo servir a outros deuses que vocês não conhecem.

Essas ressonâncias sem dúvida têm um impacto significativo sobre aqueles que as ouvem. A analogia enfatiza o fato de que a obediência contínua ao Filho, a lealdade contínua e a gratidão para com o Filho são componentes essenciais que distinguem entre aqueles cujo destino é abençoado e aqueles cujo destino é amaldiçoado. No entanto, a analogia também ressoa fortemente com textos que falam sobre o contexto social da reciprocidade de forma bastante direta.

Escritores como Sêneca, em seu livro *On Benefits*, frequentemente recorrem a imagens agrícolas para ilustrar a doação de benefícios e o que é esperado quando os benefícios são dados. Por exemplo, Sêneca escreve que não escolhemos aqueles que

são dignos de receber nossos presentes. No contexto, Sêneca explica por que os benefícios dados nem sempre resultam em benefícios recebidos e devolvidos.

Ele explica que é nossa própria culpa porque nem sempre escolhemos aqueles que são dignos de receber nossos presentes. Ele continua, não semeamos sementes e solos desgastados e improdutivo, mas nossos benefícios damos ou melhor, jogamos fora sem discriminação. Mais adiante no mesmo livro, Sêneca escreve que devemos tomar cuidado para selecionar aqueles a quem nos beneficiaríamos, já que nem mesmo o fazendeiro entrega suas sementes à areia.

Novamente, nunca esperamos por certeza absoluta sobre se um destinatário se mostrará grato ou não, já que a descoberta da verdade é difícil, mas seguimos o caminho que a verdade provável mostra. Todos os negócios da vida procedem dessa maneira. É assim que semeamos para aqueles que prometem ao semeador uma colheita.

E, finalmente, Sêneca adverte que o fazendeiro perderá tudo o que plantou se terminar seu trabalho colocando a semente. É somente depois de muito cuidado que as colheitas são levadas ao seu rendimento. Nada que não seja encorajado pelo cultivo constante do primeiro ao último dia chega ao estágio de fruto.

No caso de benefícios, a mesma verdade se aplica. Aqui, Sêneca encoraja os benfeitores a continuarem a cultivar seus clientes com favores se eles esperam nutrir o tipo de lealdade e gratidão que eles buscam em tais relacionamentos. Imagens semelhantes aparecem também em textos judaicos helenísticos.

Por exemplo, o autor desconhecido das Sentenças de Pseudo- Fauscidades escreve, não faça bem a uma pessoa má. É como semear no mar. Nessas passagens, encontramos os autores olhando para a imagem de plantar sementes no solo e cultivá-las com cuidado como uma analogia aos doadores em seu tratamento aos beneficiários.

Devemos escolher o solo com cuidado, o solo que tem mais probabilidade de dar o fruto da gratidão. Devemos nos comprometer não apenas a colocar a semente, mas a continuar investindo nesse relacionamento. Isso ressoa fortemente com a dinâmica de Hebreus 6:4 a 8. Pois Deus não apenas plantou a semente da palavra no coração do destinatário.

Ele derramou ricamente presente após presente sobre eles. Ele se investiu como um bom fazendeiro, não apenas plantando a semente, mas regando-a, cuidando dela, nutrindo-a, cuidando das mudas jovens e tentando levá-las ao ponto de dar frutos consistentes. A analogia que o autor cria aqui também ressoa de maneiras interessantes com outro texto do Antigo Testamento, a saber, o Cântico da Vinha em Isaías capítulo 5, versículos 1 a 7. Lá, encontramos Isaías também falando do

investimento de Deus em tempo, recursos e energia gastos no povo de Deus e na vinha, bem como a expectativa de Deus de que uma vinha tão bem cuidada produza uma safra de boas uvas.

Em vez disso, é claro, Isaías reclama que a vinha de Israel produziu uvas ruins. A destruição responsiva da vinha pelo viticultor é radical e final no texto de Isaías. O cuidado de Deus em cuidar de Israel levou naturalmente à expectativa de Deus, assim diz o profeta, de uma colheita de justiça.

Em vez disso, a resposta de Israel, permitindo que a violência e a opressão brotassem na vinha, ofendeu e afrontou o Deus que comandava a justiça entre seu povo, invocando a punição divina. Aqui, não apenas a cessação de seu cuidado, mas até mesmo a destruição da comunidade que trouxe um retorno tão nocivo. O público do nosso pregador, portanto, reconheceria imediatamente o ponto da analogia agrícola em Hebreus 6, 7 e 8. O investimento benéfico de Deus em si mesmo e seus dons nos convertidos deve dar o fruto em suas vidas que Deus acharia agradável.

Como o autor escreve, o solo que absorve a chuva que frequentemente cai sobre ele, lembrando onda após onda de benefícios recém-nomeados pelo pregador nos versículos 7 a 5, e produzindo vegetação que é útil para aqueles em cujo benefício o solo está sendo cultivado, antecipa para onde o autor irá na seção seguinte nos versículos 9 a 12. Deus está cultivando o solo, o solo de cada ouvinte, não, é claro, para o próprio benefício de Deus, já que Deus não precisa de nada, exceto para o benefício das irmãs e irmãos de cada ouvinte na comunidade. O autor deixará isso claro nos versículos 9 e 10.

O investimento deles um no outro é o fruto adequado para aqueles por cujo bem eles mesmos estão sendo cultivados. Mas aqueles que, em vez disso, se juntam para crucificar o Filho de Deus novamente no tribunal da opinião pública não perderão apenas a recompensa, mas se tornarão objetos da vingança divina. Hebreus 6, 8 sugere isso, como o pregador diz, o fim de tal solo é queimar.

Mas Hebreus 10, versículos 26 a 31, tornará isso ainda mais explícito. Imediatamente após seu severo aviso no capítulo 6, versículos 4 a 8, o autor prossegue nos versículos 9 a 12 para apontar o caminho para a libertação em vez do desastre. E assim, ele escreve, estamos persuadidos a respeito de vocês, amados, de coisas melhores, coisas que contêm salvação, embora falemos dessa maneira.

Ao dar continuidade ao seu severo aviso com esta declaração de confiança nos ouvintes, o autor parece estar seguindo o bom conselho dado aos retóricos, encontrado, por exemplo, no livro didático sobre oratória conhecido como *Rhetorica*. anúncio Herenia. Neste texto do primeiro século a.C., encontramos precisamente este conselho dado. Se um discurso franco deste tipo parece muito pungente, haverá

muitos meios de palição, pois pode-se imediatamente acrescentar algo deste tipo depois disso.

Apelo aqui à sua virtude. Invoco sua sabedoria. Repito seu velho hábito, para que o louvor possa acalmar os sentimentos despertados pela franqueza.

Como resultado, o louvor liberta o ouvinte da ira e do aborrecimento, e a franqueza o impede de errar. É precisamente isso que o autor realiza com Hebreus 6:4 a 12. A franqueza do perigo da situação deles em 6:4 a 8 atinge seu propósito, mas a garantia nos versículos 9 a 12 também restaura os ouvintes a um lugar de confiança, de solidariedade com o pregador e de um senso de que o pregador realmente pensa o melhor deles, embora os tenha repreendido no capítulo 5:11 a 14, e apenas tenha lançado um aviso tão severo.

A expressão de confiança do autor alterna novamente com um apelo ao medo em 6:4 a 8. Observamos a mesma alternância anteriormente no capítulo 4, versículos 12 a 13, que apelava ao medo, e capítulo 4, versículos 14 a 16, que apelava à confiança. E veremos a mesma alternância novamente no capítulo 10, versículos 19 a 34. Confiança e medo são duas emoções que o autor usa estrategicamente e aplica em conjunto para manter o distanciamento dos ouvintes do curso de abandonar seu compromisso com Jesus e para continuar a instá-los a se identificarem com a resposta de perseverança, lealdade e gratidão.

O autor continua explicando a razão pela qual ele está confiante de que coisas melhores aguardam os ouvintes do que ele acabou de descrever. Para Deus, não é injusto esquecer sua obra e o amor que vocês mostraram em seu nome, servindo aos santos e continuando a servi-los. Mas desejamos que cada um de vocês mostre o mesmo zelo até o pleno florescimento da esperança até o fim, a fim de que vocês não se tornem preguiçosos, mas sim imitadores daqueles que, por meio da fé e da paciência, herdaram as promessas.

O pregador identifica especificamente a obra e o amor do ouvinte que eles demonstraram anteriormente em nome de Cristo, servindo uns aos outros e continuando até agora a servir uns aos outros, o que dá aos crentes base para confiança diante de Deus. Este é o rendimento da colheita adequado para aqueles por cuja causa Deus derramou tantos dons sobre cada convertido. Esses atos têm sido parte da manifestação de um retorno justo a Deus por todos os investimentos e dons que Deus lhes deu.

Esses são os investimentos e as práticas que o Deus justo não esquecerá, isto é, que Deus honrará e recompensará em relação à audiência do pregador. Ao afirmar seu progresso passado neste curso de ação, o autor lhes dá os fundamentos para uma confiança muito bem-vinda após o apelo ao medo e os encoraja a persistir naquilo que lhes dá essa confiança, ou seja, o amor que eles demonstraram em nome de

Deus servindo aos santos e continuando a servi-los. O autor, a esta altura, mostrou a seus ouvintes o caminho para evitar serem lentos em resposta ao que ouviram e, de fato, acredita que eles não se mostrarão lentos em relação à sua resposta à palavra que Deus falou, bem como à palavra mais imediata que o autor está falando a eles neste sermão.

Ao concluir este parágrafo, ele os exorta a se tornarem imitadores daqueles que, por meio da fé e da paciência, se tornaram herdeiros da promessa. Isso antecipa o maravilhoso desfile de exemplares de fé que virá em Hebreus 11:1 a 12:3. A menção geral de tais figuras aqui, no entanto, também é um lembrete sutil de que a perseverança na fé é possível, já que muitos já perseveraram antes. O caminho a seguir, embora difícil, é, no entanto, viável.

Esta menção daqueles que, por meio da fé e da paciência, herdaram as promessas também é uma introdução útil ao parágrafo de transição que se segue no capítulo 6, versículos 13 a 20, que começa com uma consideração sobre Abraão, um modelo de fé e perseverança e um famoso destinatário das promessas divinas. Nos versículos finais do capítulo 6, então, o autor fornece aos ouvintes ainda mais razões para avançarem confiantemente para a perfeição, para o fim da jornada que começaram com Cristo. O ponto principal deste parágrafo é impressionar o público com a confiabilidade da mensagem que receberam e a confiabilidade do mediador em quem depositaram sua confiança.

Não apenas a promessa de Deus, mas o juramento de Deus está por trás desse mediador e garante a eficácia do sacerdócio de Jesus para assegurar o favor e os benefícios de Deus para os clientes de Jesus. O pregador começa considerando como Deus também forneceu tal juramento a Abraão. Pois Deus, tendo feito uma promessa a Abraão, visto que não tinha ninguém maior por quem jurar, jurou por si mesmo, dizendo: Certamente te abençoarei, e certamente te multiplicarei.

E assim, tendo perseverado em paciência, Abraão recebeu a promessa. O pregador se refere e recita parcialmente Gênesis capítulo 22, versículos 15 a 18, onde lemos esse juramento com mais detalhes. O anjo do Senhor chamou Abraão uma segunda vez do céu e disse: Por mim mesmo jurei, diz o Senhor, porque fizeste isso e não me negaste teu filho, teu único filho, eu te abençoarei, e farei tua descendência tão numerosa quanto as estrelas do céu e como a areia que está na praia do mar.

No verso seguinte, nosso pregador continua fazendo uma observação geral sobre juramentos na esfera humana. Os seres humanos juram de acordo com alguém maior, e um juramento serve para resolver todas as contradições. Esta observação geral sobre juramentos é que os juramentos são feitos para confirmar a confiabilidade da fala ou do testemunho dado.

Juramentos são, por exemplo, frequentemente usados em tribunais como uma forma de evidência. Filo de Alexandria, um prolífico exegeta judeu da primeira metade do primeiro século d.C., escreve isso sobre juramentos. Coisas incertas são confirmadas, e coisas sem convicção recebem confirmação por meio de juramentos.

Agora, o público saberia que os seres humanos ocasionalmente podem usar juramentos enganosamente. No entanto, o juramento de Deus certamente fornece certeza. Os destinatários ficariam relutantes em questionar a veracidade de Deus quando Deus faz um juramento.

O exemplo da geração do deserto anteriormente invocado em Hebreus capítulos 3 e 4, onde os antigos hebreus provocaram Deus precisamente neste ponto, pesaria fortemente contra desconfiar de Deus ou alegar a falta de confiabilidade de Deus ou a falta de confiabilidade das promessas de Deus. Que Deus devesse fazer um juramento é um tanto problemático. Juramentos são administrados por conta da possibilidade de discurso enganoso, mas cada palavra de Deus deve ser recebida como verdadeira e confiável, mesmo sem um juramento.

Quando Filo de Alexandria comentou sobre Gênesis 22, ele também reconheceu esse problema, e concluiu que Deus faz um juramento não porque Deus poderia ser considerado mentiroso, mas porque ele queria tornar mais fácil para os seres humanos confiarem nele completamente. Este é precisamente o propósito que o autor de Hebreus também invoca para explicar o juramento de Deus. Deus, querendo ainda mais mostrar aos herdeiros da promessa a imutabilidade da vontade de Deus, interpôs um juramento para que, por meio de duas coisas imutáveis, nas quais é impossível que Deus prove ser mentiroso, nós, que fugimos, tenhamos forte confiança para agarrar a esperança que está diante de nós.

A promessa à qual o autor está se referindo aqui provavelmente seria ouvida como a promessa proferida no Salmo 95, versículos 7 a 11, que o pregador destilou em Hebreus 4:1, tenhamos medo, pois, para que, enquanto permanecer a promessa de entrar no descanso de Deus, nenhum de vocês pense em ficar aquém. A promessa em mente aqui, então, é a promessa que Deus dá de acolher as pessoas no reino divino inabalável, o reino onde Deus descansou após sua obra de criação. O juramento ao qual o autor se refere é o juramento do Salmo 110, versículo 4. O autor já citou este versículo em parte, você é um sacerdote para sempre segundo a ordem de Melquisedeque, mas ele adiou a recitação das palavras de abertura deste versículo onde leríamos, o Senhor jurou e não mudará de ideia.

Você é um sacerdote para sempre. De fato, nosso autor não recitará esta parte do versículo até Hebreus capítulo 7, versículo 21. O autor quer que os ouvintes se apeguem a ambos os oráculos divinos, a promessa do Salmo 95 e o juramento do Salmo 110, como sinais seguros de que a mensagem do evangelho em que confiaram é confiável.

O autor descreve estrategicamente os ouvintes junto com ele mesmo com as palavras, nós que fugimos. Ele está lembrando a congregação, especialmente aqueles que estão contemplando um retorno às suas vidas anteriores, tentando encontrar uma maneira de reentrar na sociedade maior, que eles anteriormente fugiram daquele mundo para a igreja como se de algum grande perigo. Ele reforça para eles sua identidade como refugiados fugindo da catástrofe dos julgamentos escatológicos, lembrando novamente dois pilares do catecismo do público, ressurreição dos mortos e julgamento eterno recitado em Hebreus 6, versículo 2. Eles se reuniram na assembleia cristã sob a égide de Cristo, buscando proteção e libertação daquele dia de julgamento.

Esta seção do texto se encerra com o autor falando deste juramento, desta esperança, como citação, uma âncora que temos para nossas almas, segura e firme, uma que entra no lado interno da cortina onde Jesus entrou em nosso favor como um precursor, tendo se tornado um sumo sacerdote para sempre segundo a ordem de Melquisedeque. Nestes dois breves versos, o autor introduz a figura de uma âncora, que convida os destinatários a considerar a certeza de uma pátria celestial como o ponto fixo em suas vidas, como aquilo que os mantém longe do perigo de deriva, ao qual o autor havia aludido no capítulo 2, versos 1 a 4. Esta esperança é sua âncora, seu ponto de estabilidade em meio às suas tempestades atuais, bem como sua instabilidade social e marginalização. Isso se alinha muito bem com a cosmologia do autor, segundo a qual o reino divino é o inabalável, de modo que não pode haver âncora, nenhuma fixação segura nas coisas deste reino criado e instável.

A descrição de Jesus aqui como um batedor, uma figura militar que vai à frente do corpo principal das tropas, lembra a apresentação do pregador de Jesus no início do capítulo 2, versículos 9 a 10, como aquele que foi à frente do corpo principal dos filhos e filhas de Deus, levando-os ao seu destino de glória designado por Deus. Onde Jesus foi, os muitos crentes o seguirão. No momento, no entanto, a esperança é a única parte do crente que entrou naquele lugar seguro junto com Jesus, atrás da cortina, no tabernáculo celestial da presença real de Deus.

Assim, é somente enquanto o crente se apega a essa esperança que ele ou ela se apega à linha da vida pela qual entrará no reino eterno e inabalável. O autor, portanto, exorta os ouvintes a encontrar sua estabilidade, seu enraizamento em sua esperança na promessa de Deus, em vez de na aceitação por seus vizinhos ou em reivindicar seu lugar no mundo, que está passando. Com as palavras finais do capítulo 6, versículo 20, Jesus se tornou um sumo sacerdote para sempre segundo a ordem de Melquisedeque, e o pregador trouxe seu discurso de volta para onde parou no capítulo 5, versículo 10, completando a ponte de volta ao tópico principal da longa e difícil palavra de Hebreus 7, 1 a 10, 18, que fará do sacerdócio estabelecido pelo juramento de Deus e nossa resposta adequada seu foco.

A digressão de Hebreus 5:11 a 6:20 avançou a agenda retórica do autor para seus ouvintes de várias maneiras importantes. Em 5:11 a 14, o autor apresenta expectativas que o público deveria estar vivendo e os envergonha por não fazerem isso cada vez mais. Esta é uma maneira estratégica de tirar o foco das expectativas de seus vizinhos não cristãos se sua atenção tem se desviado nessa direção e refocar sua atenção nas expectativas não apenas do pregador, mas, é claro, do Deus cuja mensagem o pregador representa.

Em 6:1 a 8, o autor expôs aos ouvintes novamente o curso de ação que ele tanto deseja que eles abracem de todo o coração, ou seja, comprometer-se com a perseverança em viver com gratidão, lealdade e obediência a Cristo e ao Deus com quem Cristo os conectou. Ele apoia isso com um argumento que se baseia particularmente no conhecimento social compartilhado de doação e resposta, de graça e gratidão, de reciprocidade que está praticamente conectado à residência da bacia do Mediterrâneo, estejam eles localizados principalmente na cultura judaica, grega ou romana. Isso faz parte de seu pensamento fundamental.

Aqueles que dão presentes merecem gratidão. Aqueles que fazem o bem não devem ser insultados ou desonrados. E então o pregador aproveita essa lógica cultural, esse compromisso ético quase visceral que o público compartilharia para impeli-los adiante em direção a esse caminho de perseverança, para fazê-los realmente temer fazer um retorno ruim a Deus por Deus ter derramado sobre eles tais presentes custosos.

O pregador também, tendo despertado o medo do ouvinte de renegar seu relacionamento com Deus, redirecionou os ouvintes para sua causa de confiança, particularmente no capítulo 6, versículos 9 a 12, na medida em que eles continuam a investir na comunidade de fé e na perseverança uns dos outros. Nessa medida, eles podem ter certeza de permanecer em favor, uma vez que estão produzindo o fruto pelo qual Deus fez chover sobre eles tais bênçãos, e podem ter certeza, portanto, de chegar aos benefícios futuros prometidos por Deus. No parágrafo final, então, o pregador retorna dessa digressão muito relevante para um modo mais discursivo, pois ele sugere novamente o fundamento que seus ouvintes têm para certeza sobre sua esperança, a saber, o juramento de Deus no Salmo 110 versículo 4, que confirma as promessas de Deus e a própria obtenção de Jesus em seu nome daquilo que eles próprios ainda pressionam para alcançar, a saber, a entrada no reino eterno de Deus.

Esta passagem também continua a desafiar perenemente os cristãos em todos os cenários de algumas maneiras importantes. A vergonha do autor sobre seu público em 5:11 a 14 também nos desafia a viver de acordo com o que alcançamos e a aceitar nossa responsabilidade para com nossos irmãos e irmãs na fé. O autor nos desafia a nos tornarmos fontes mais ativas de encorajamento e reforço para a fé e perseverança dos outros, em vez de meros receptáculos passivos esperando por encorajamento e reforço constantes para nós mesmos.

Uma das áreas em que os cristãos frequentemente falham aqui é que damos muita atenção para obter informações sobre Deus ou sobre a fé, sobre a crença cristã ou sobre as escrituras, mas não damos tempo proporcional à formação, tanto a nossa quanto a de nossos irmãos e irmãs. O autor nos encorajaria a levar mais tempo para passar do que sabemos sobre Deus, o que sabemos sobre Cristo e o que sabemos que Deus deseja realizar em nós e entre nós, para pensar muito claramente sobre como encarnar isso e como permitir que esse conhecimento molde como vamos viver. Esta é apenas uma maneira pela qual podemos fechar a lacuna entre o que sabemos, por um lado, e o fruto que produzimos, por outro.

O autor também nos encoraja em nossas congregações a dar a devida atenção ao ensino e à socialização que nossos novos membros recebem. Hebreus 6, versículos 1 a 3, apresenta um currículo bastante completo e completo para uma classe de novos membros, por assim dizer, como era praticado nas congregações do primeiro século do autor de Hebreus. Aqueles professores, aqueles líderes das primeiras igrejas cristãs, deram muita atenção em ajudar os convertidos a pensar sobre a visão do mundo de que sua aceitação do evangelho significa que eles também aceitam e pensam sobre as implicações dessa visão de mundo para como eles vão viver suas vidas.

O pregador nos desafiaria a garantir que façamos com que ingressar em uma igreja signifique mais do que nos tornarmos membros. Em vez disso, precisa significar nos tornarmos pessoas em quem os contornos básicos da fé, do credo, serão bem fundamentados e bem formados, de modo que se tornem a fundação e o ponto de partida para esses novos membros pensarem sobre sua prática, suas atitudes e suas ambições para sempre. O autor nos desafia centralmente a fazer disso nosso objetivo, de fato nossa meta primordial, retribuir a Deus como Deus nos deu.

O ethos da reciprocidade que temos explorado não é uma faceta socialmente limitada ou culturalmente limitada do texto. O autor de Hebreus teceu esse ethos no próprio tecido da lógica fundamental de seu sermão. Nós o encontramos também em outros escritores do Novo Testamento.

Paulo, por exemplo, apela a essa dinâmica com bastante força em uma de suas epístolas, em 2 Coríntios 5:15, fazendo uma declaração muito ousada sobre o propósito da morte de Cristo. Paulo escreve ali que Cristo, entre aspas, morreu em favor de todos para que aqueles que continuassem vivendo não continuassem mais vivendo para si mesmos, mas sim para aquele que morreu em seu favor e foi ressuscitado. Ali ouvimos outra voz do Novo Testamento afirmando que a resposta adequada e necessária de um coração grato, que busca retribuir um favor tão plenamente quanto esse favor foi dado, é viver para Jesus, entregar o resto de nossas vidas para promover os interesses de Jesus neste mundo por meio de nós, em

vez de continuar a viver para nós mesmos e promover nossos próprios interesses com a vida que nos resta.

O autor de Hebreus nos exorta a reconhecer que um local essencial para retribuir a Deus como Deus nos deu é investir no apoio e encorajamento de nossos irmãos e irmãs na fé, colocando a nós mesmos e nossos próprios recursos à disposição para fornecer o que eles precisam para facilitar sua própria perseverança na fé. No contexto de hoje, penso particularmente em cristãos perseguidos em nações onde ser cristão é totalmente ilegal ou certamente desaprovado socialmente, de modo que os cristãos se encontram marginalizados, assediados, às vezes vítimas de violência de multidão ilegal, mas ainda assim eficaz, ou vítimas de atos de violência mais limitados, individuais e individuais, ou mesmo vítimas de perseguição patrocinada pelo estado. O autor está nos encorajando, à medida que vivemos a realidade global de ser a igreja, a continuar a investir em obras de amor e serviço, continuando a servir nossos irmãos e irmãs onde quer que eles tenham necessidade e, de muitas maneiras, sendo a resposta de Deus às suas orações, servindo nosso grande patrono precisamente trazendo ajuda para aqueles que estão buscando ajuda de Deus dessa forma também.

Nos versículos finais deste segmento de Hebreus, o autor traz novamente à tona a questão fundamental de onde procuramos encontrar uma âncora para nossas almas. A coleta para o quinto domingo da Quaresma no Livro de Oração Comum é esta oração. Conceda ao seu povo a graça de amar o que você ordena e desejar o que você promete, para que entre as rápidas e variadas mudanças do mundo, nossos corações possam certamente estar fixos onde as verdadeiras alegrias podem ser encontradas.

O autor de Hebreus ressoa com tal oração ao nos incitar a fixar nossos corações em estar com Deus para sempre e a fazer da fundação para nossa segurança em meio às mudanças e chances desta vida, nossa conexão com Jesus que foi antes de nós para aquele lugar onde as verdadeiras alegrias podem ser encontradas. Isso continua sendo um desafio para nós, que somos cada vez mais encorajados pelo mundo em que vivemos a considerar o material e o visível como o único mundo real. O autor nos lembra que o contrário é, de fato, o caso.